

Dr. David deSilva , O Mundo Cultural do Novo Testamento, Sessão 5, Família e Casa

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David deSilva em seu ensinamento sobre O Mundo Cultural do Novo Testamento. Esta é a sessão 5, Família e Agregado Familiar.

A família é a unidade social mais básica da sociedade humana, o grupo que, para a maioria dos indivíduos, é a unidade social mais frequentemente encontrada e mais significativamente envolvida ao longo da vida.

Como era a família no primeiro século? Que expectativas os membros de uma família tinham uns em relação aos outros? Qual era o contexto cotidiano e o ethos, em outras palavras, de tanta linguagem de parentesco que encontramos nas páginas do Novo Testamento? Como podemos explicar a importância que Paulo, por exemplo, atribui ao estabelecimento da adoção por Deus e da incorporação na família de Abraão? Que tipo de comunidade os primeiros líderes cristãos procuraram nutrir ao selecionar irmão e irmã como modelo principal para relacionamentos internos na igreja? Se quisermos recuperar a riqueza da visão do Novo Testamento para as comunidades de fé como a família de Deus, bem como compreender os textos que falam sobre família, linhagem e como os parentes se comportam, precisamos mergulhar nas antigas realidades e éticas. de parentesco. Como estabelecemos parentesco no mundo antigo? Na América, os corretores de imóveis têm um ditado: os três fatores mais importantes na compra de um imóvel são localização, localização e localização. No mundo antigo, a linhagem estabelecia a localização de uma pessoa no tecido social.

A atenção cuidadosa às genealogias ao longo do Antigo e do Novo Testamento dá testemunho disso. Se olharmos, por exemplo, para Esdras e Neemias e pensarmos nas reformas que foram implementadas na comunidade do exílio, vemos quão importante é a linhagem e a capacidade de traçar a linhagem para fazer parte do corpo social conhecido como a nação de Israel, o povo de Israel. Se você não tem uma linhagem verificável dentro da família das 12 tribos, você não faz parte desse povo.

Dentro da nação de Israel, é fornecida uma estrutura interna. As hierarquias internas são formadas com base na linhagem. Novamente, nesses mesmos livros, poderíamos observar a atenção cuidadosa dada à preservação e articulação da linhagem dos clãs sacerdotais e levíticos.

No mundo antigo, o mérito do indivíduo, bem como o seu lugar na sociedade, começa com os méritos dos seus pais, os méritos da sua família ou clã e os méritos dos seus antepassados. Abordamos isto brevemente na nossa discussão sobre honra.

O ponto de partida para a honra de uma pessoa é a honra da família em que nasceu, que herda dos antepassados.

Um bom exemplo disso vem dos Apócrifos do livro de Tobias. Tobit está enviando seu filho Tobias em missão de recolher alguns talentos em peso de prata que haviam sido deixados em depósito com um amigo da família em uma viagem. Tobit faz perguntas sobre a linhagem daquela pessoa.

Então, vou ler o capítulo 5, versículos 11 e seguintes. Tobias perguntou a Azarias: Irmão, de que família você é e de que tribo? Diga-me, irmão. Azarias respondeu: Por que você precisa conhecer minha tribo? Mas Tobit disse: Quero saber, irmão, de quem você é filho e qual é o seu nome.

Ele respondeu: Eu sou Azarias, filho do grande Hananias, um dos seus parentes. Então Tobit lhe disse: Bem-vindo. Deus te salve, irmão.

Não fique amargo comigo, irmão, porque eu queria ter certeza sobre sua ascendência. Acontece que você é parente de uma linhagem boa e nobre. Pois eu conheci Hananias e Natã, os dois filhos de Semalias, e eles costumavam ir comigo a Jerusalém e ali adoravam comigo, e não se deixavam desviar.

Seus parentes são boas pessoas. Você vem de bom estoque. Boas-vindas calorosas.

Portanto, o currículo definitivo que Azarias tem a oferecer é a linhagem de sua família, sua família imediata. E porque ele é conhecido por ter boa origem, ele tem o crédito de seus antepassados aos olhos de Tobit e, portanto, é aceito como a pessoa que acompanhará o filho de Tobit, Tobias, nesta missão potencialmente muito perigosa. Portanto, parentesco e honra estão intimamente interligados nessas culturas.

Pense em como Mateus, o Evangelho de Mateus começa. Muitas vezes as pessoas me perguntam, não no seminário, mas em outros contextos, como posso saber mais sobre Jesus. Como faço para entrar nisso? Eu digo: Bem, leia os Evangelhos. E então imediatamente penso comigo mesmo: Ah, mas não comece com Mateus, porque Mateus 1:1-17 é uma maneira terrível de começar uma história sobre Jesus se você nasceu na América do século XXI.

Mas por que Mateus começa assim? Não é porque lhe faltasse um editor. É porque, na sua cultura, ele conhece a forma de falar de Jesus, e o seu significado é falar da sua linhagem. Portanto, é uma ótima maneira de iniciar a história de Jesus no primeiro século, analisando e apresentando a descendência de Jesus desde Abraão e Davi.

Dessa forma, Mateus pode estabelecer uma afirmação essencial sobre a identidade de Jesus como herdeiro das promessas feitas a David e herdeiro das promessas feitas a Abraão. Portanto, é um capítulo altamente teológico, embora para nós seja como ler instruções em estéreo, talvez. Outra faceta paralela a essa genealogia é a ênfase de Mateus no número 14.

Os estudantes do Novo Testamento ficam sempre irritados com o fato de Mateus apresentar uma linhagem de Jesus de 42 gerações, enquanto Lucas apresenta, creio eu, uma linhagem de Jesus de 56 gerações. E então, algumas pessoas dizem: Bem, isso é da parte de Maria, e eles devem ter tido genes ruins porque todos morreram muito mais cedo porque há 56 gerações lá no tempo que esta outra genealogia leva para passar por 42 gerações. Mas o que Mateus está fazendo é, na verdade, destacar, através da numerologia, o significado de Jesus como herdeiro de Davi.

Em hebraico, que não possui numerais, usa caracteres para letras e números. Em hebraico, o nome de Davi, escrito com um dalet acima e outro dalet, soma 14. E assim, ao codificar 14 na genealogia de Jesus, separando esses três eventos principais, Abraão, Davi e depois o exílio, finalmente todos redimidos na vinda de Cristo, Mateus é capaz de dizer algo sobre Jesus como o último descendente e semente de Davi.

No Hamlet de Shakespeare, Hamlet olha de soslaio para seu tio Cláudio, que agora também se tornou seu padrasto. A certa altura, depois de Cláudio ter proferido um discurso que mostra algo do seu carácter, Hamlet diz: Um pouco mais que parente e menos que gentil. E por gentil aí, ele não quer dizer gentil e gentil.

Ele quer dizer da mesma linhagem ou do mesmo tipo, provavelmente do irmão, o verdadeiro pai de Hamlet, que Cláudio suplantou. Alerta de spoiler: ele realmente matou seu próprio irmão. Em qualquer caso, o parentesco é frequentemente encontrado por ser do mesmo tipo, por refletir o mesmo tipo de essência numa espécie de conexão natural.

Isso pode acontecer no nível da etnia do grupo de pessoas. Os gregos, que podem não estar realmente relacionados de forma rastreável pelo sangue, no entanto podiam falar sobre o seu parentesco uns com os outros em relação aos bárbaros porque pelo menos nós, gregos, qualquer que seja a nossa linhagem real, somos da mesma espécie. Somos suficientemente parecidos para podermos considerar uns aos outros como essencialmente parentes, em oposição àquele grupo que é tão diferente de nós.

Da mesma forma, os judeus reconheciam amplamente o seu parentesco vis-à-vis os não-judeus, embora isso também estivesse bastante enraizado numa genealogia vastamente extensa, que remonta a Abraão, através de Isaque, através de Jacó. Pode-se também observar o parentesco em níveis mais locais: o nível da tribo, o

nível do clã ou o nível da família dentro do clã. O nível em que o parentesco operava poderia mudar com o contexto.

Por exemplo, na Diáspora, onde os Judeus muitas vezes se encontram numa minoria, rodeados por uma maioria de outros grupos de pessoas, outras raças e outras nações, eles podem estar mais inclinados a tratar outros Judeus e a considerar outros Judeus como parentes, independentemente da proximidade de conexões genealógicas reais entre eles. Isto poderia mudar então em um lugar onde os judeus fossem a maioria da população em um determinado local. Por exemplo, na Galileia ou na Judeia, onde, como a maioria de nós somos judeus, o que realmente conta para parentes é definido de forma mais restrita.

E assim, trataremos nossa família, nosso clã, mais como parentes, mas pessoas de outras tribos ou mesmo de fora do nosso clã mais como estranhos, em vez de como família. E isso pode mudar com o tempo. Tomemos como exemplo uma aldeia na Judéia, no momento em que uma coorte romana marcha pela aldeia.

Naquele momento, todos os judeus da aldeia provavelmente se sentiam mais intimamente relacionados uns com os outros, em virtude da presença deste grupo externo visível e poderoso que definitivamente não éramos nós. Somos, comparados ao nosso relacionamento com eles, somos todos uma família. Mas então, depois de a coorte romana ter partido, poderíamos voltar a definir o nosso grupo de parentesco de forma muito mais restrita e deixar de pensar nos judeus de outros clãs daquela aldeia como as pessoas a quem devemos as obrigações de família.

Então, com tudo isso para dizer, o parentesco pode ser pensado de maneira bastante fluida. Nossa definição pode se expandir ou contrair dependendo do cenário e do que está acontecendo nesse contexto. Parece-me que Jesus tem uma tendência, em qualquer contexto, de afirmar a família maior de Abraão sobre quaisquer divisões menores, sejam elas as divisões baseadas em grupos de parentesco ou as divisões baseadas na semelhança.

Por exemplo, todos aqueles que subscrevem a doutrina e a prática dos fariseus, que, embora não sejam todos intimamente relacionados genealogicamente, provavelmente se considerarão mais como parentes uns dos outros com base no fato de serem da mesma espécie. outro. Contra esses subgrupos menores do que é parente em Israel, Jesus continua apontando o relacionamento de todos os judeus entre si como filhos e filhas de Abraão. Portanto, deveríamos ser pessoas que realmente não deveriam se separar umas das outras, mas tratar uns aos outros como irmãos e irmãs.

Por exemplo, quando questionado sobre a cura da mulher aleijada no sábado, ele se refere a ela como esta filha de Abraão, afirmando a ligação familiar essencial entre a mulher curada, anteriormente aleijada, e os oficiais da sinagoga que estão

reclamando do seu ato de amor. e cura para ela. Ele se refere a Zaqueu, que é muito, e até certo ponto, merecidamente caluniado, como coletor de impostos, como alguém que trabalha para eles na Judéia, trabalhando para a força de ocupação romana na Judéia, ajudando a força de ocupação romana a receber seus impostos e homenagear e encher os bolsos, muito provavelmente, isso é pelo menos um estereótipo, no processo. Mas com a mudança de coração de Zaqueu, Jesus também diz isso; ele também é filho de Abraão.

O que era importante para Jesus naquele momento era restaurar as relações familiares de Zaqueu com o resto da população depois de ter sido alienado deles em virtude do seu alinhamento com os ocupantes romanos. Mais notoriamente, consideramos a parábola de Jesus. Muitas vezes é chamada de parábola do filho pródigo, mas prefiro chamá-la de parábola dos dois irmãos, pois, convenhamos, nenhum daqueles meninos estava realmente se comportando bem naquela história.

Em resposta aos fariseus, e talvez tenham sido os escribas e fariseus, queixando-se da propensão de Jesus para comer com pecadores e cobradores de impostos, aqueles que os fariseus consideravam outro, algum outro tipo de ser humano, pertencente a um grupo que não somos nós . Jesus conta esta história para lembrar aos escribas e fariseus que aqueles pecadores e coletores de impostos também são judeus. Eles fazem parte da nação de Israel.

Eles fazem parte do grupo de parentesco estendido de Abraão. E então, realmente, a melhor maneira de pensar neles não é como aqueles pecadores e coletores de impostos, mas como nossos irmãos e irmãs. Conseqüentemente, ele conta a história de dois irmãos em conflito um com o outro de uma forma que deixa perfeitamente claro que nenhum deles está se comportando de uma forma que honre o pai que faz dos dois irmãos um do outro.

Agora, talvez uma das coisas mais importantes em que possamos pensar em prol da interpretação do Novo Testamento seja o ethos, a ética que governava as relações de parentesco no mundo antigo. Onde quer que o círculo de parentesco fosse estabelecido, uma ética diferente era mantida para orientar os parentes nas suas relações entre si e para orientar as suas relações com pessoas de fora. Em última análise, isso estava enraizado na convicção de que parentesco significava trabalhar para o bem uns dos outros, e não para o próprio bem, às custas dos parentes.

Chegamos aqui aos modelos básicos de interação social, cooperação versus competição. Mencionamos em nossa primeira palestra desta série que muitas coisas eram consideradas no mundo antigo como mercadorias limitadas. Para que eu conseguisse mais alguma coisa, era preciso ter menos, fosse grãos, dinheiro, honra ou qualquer outra coisa.

E assim, uma economia de bens limitados estimula particularmente a concorrência como uma espécie de modo padrão de interação em torno da aquisição desses bens. Contudo, esperava-se que as famílias não competissem por bens, para que uma ganhasse às custas de outra, mas sim que cooperassem para que toda a unidade de parentesco ganhasse maior acesso aos bens de que necessitava ou desejava. A força, a unidade e o bem de toda a unidade de parentesco é o bem comum de todos os seus membros.

Neste contexto, a relação entre irmãos era muitas vezes considerada um dos laços mais fortes e importantes entre os seres humanos no mundo antigo. Foi o epítome da amizade. Os amigos manteriam todas as coisas em comum.

Os amigos compartilhariam valores e compromissos comuns. Os amigos cuidariam dos interesses uns dos outros e compartilhariam recursos para atender às necessidades uns dos outros. Os irmãos foram discutidos, por exemplo, na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles como o auge, o exemplo da amizade em ação.

Agora, na América dos séculos XX e XXI, e provavelmente pelo menos no Canadá e na Europa Ocidental, aceitamos a ideia de rivalidade entre irmãos. Agora, minha esposa e eu temos três filhos, e nós, você sabe, tenho diante deles os antigos ideais de como os irmãos deveriam agir, mas na verdade, de muitas maneiras, eles representam o roteiro da rivalidade entre irmãos que se tornou uma espécie de aceito e comum no Ocidente. E provavelmente havia um sentido em que, de fato, havia definitivamente um sentido em que os irmãos competiriam no mundo antigo, mas eles foram muito cuidadosos.

Os especialistas em ética foram muito cuidadosos. As famílias tomavam muito cuidado para não cultivar a competição entre irmãos, o que significava que um irmão vencia o outro ou ganhava algo às custas do outro. Assim, eles poderiam tentar superar um ao outro em algum empreendimento, mas sempre de tal forma que o bem de toda a família fosse promovido, e não que um irmão ganhasse às custas do outro.

Onde comumente falamos sobre rivalidade entre irmãos, as pessoas no mundo antigo falavam comumente de uma vitória cadmeana. Agora, essa frase pode não significar muito para nós, a menos que tenhamos lido muito drama grego, mas se você estiver familiarizado com a história de Édipo, talvez saiba que não se trata apenas de Édipo e sua geração. É sobre o que aconteceu com seus filhos e se chama Cadmeano porque Édipo é descendente de Cadmo.

E assim, Édipo, depois de a sua tragédia ter começado, os filhos de Édipo encontraram-se em lados opostos de uma guerra. Um deles ficou do lado dos persas que tentavam conquistar Tebas, e unilateral, é claro, do exército de Tebas. E eles se mataram em batalha.

Isso ficou conhecido como uma vitória cadmeana porque realmente representou o ponto mais baixo, o ponto mais baixo dos relacionamentos entre irmãos. Cada um estava tentando vencer, mas você não pode vencer se estiver lutando contra seu irmão ou irmã. É simplesmente impossível ter uma vitória nessa situação.

Assim, no mundo antigo, os especialistas em ética tentaram arduamente inculcar o valor de procurar os interesses uns dos outros entre irmãos e irmãs. Mesmo numa sociedade sensível à honra, os irmãos deveriam promover a honra da outra pessoa. Então, como irmão, eu não procuraria apenas progredir, mas se algo surgisse em meu caminho, tentaria encontrar uma maneira de permitir que meu irmão ou irmã compartilhasse a honra que ganhei ou o acesso a algum privilégio que ganhei.

Certamente, eu nunca procuraria ganhar algo às custas de uma irmã ou irmão. Você já deve estar entendendo aonde quero chegar com isso em relação ao parentesco cristão quando chamamos uns aos outros de irmãos e irmãs dentro da igreja e o que significa tornar isso real. Outra faceta muito importante do ethos dos parentes, juntamente com a cooperação em todas as coisas, era a confiança.

Como os parentes cooperam para promover os interesses uns dos outros e da família, eles podem confiar uns nos outros. No mundo antigo, o engano e a mentira eram frequentemente considerados estratégias perfeitamente apropriadas para promover os interesses de alguém contra estranhos. Por exemplo, no livro apócrifo Judith, Judith mente com os dentes a torto e a direito para chegar perto o suficiente do general inimigo, Holofernes, para cortar sua cabeça.

Ela está tentando avançar, alerta de spoiler novamente, me desculpe, ela está tentando avançar pelo bem de sua aldeia, que está sendo sitiada por esse general e seu exército. Usar o engano para chegar realmente perto dele é perfeitamente aceitável e louvável para promover o bem de seu próprio grupo de parentesco. Seria, no entanto, totalmente vergonhoso usar o engano ou mentir contra os próprios familiares.

Isto significa, na verdade, tratar os seus parentes como estranhos e quebrar a confiança e os compromissos de cooperação mútua para o bem de cada um. A família deveria ser marcada pela unidade, harmonia, partilha de valores e partilha de bens. Irmãos e irmãs deveriam compartilhar ideais, valores e objetivos comuns.

Muitas vezes encontramos a injunção de que os irmãos tenham a mesma opinião na literatura antiga. E não estou falando apenas de literatura cristã, mas de literatura ética greco-romana. Para preservar a sua unidade e preservar a sua harmonia a todo o custo, é melhor perder uma discussão para perder uma parte de uma herança do que perder o amor de um irmão ou de uma irmã e quebrar ou romper a harmonia que deveria caracterizar o parentesco.

Esta unidade e harmonia também se expressam na partilha de recursos entre parentes, conforme qualquer pessoa possa precisar. Quando surge um conflito ou ocorrem lesões, os irmãos devem buscar perdão e reconciliação. Eles devem esconder a desgraça ou os atos vergonhosos uns dos outros dos estranhos e agir com paciência uns com os outros.

É um ethos muito diferente de como alguém trata ou responde aos estranhos neste mundo. É uma excelente cartilha sobre a ética do amor fraternal, o que é relevante porque Filadélfia, o amor de irmãos e irmãs, é um termo ético muito proeminente no Novo Testamento. Para uma excelente introdução, leia o tratado de Plutarco sobre o afeto fraterno, às vezes invocado o amor fraterno.

É uma janela maravilhosa para esse ideal do ethos dos parentes no mundo antigo. Vamos pensar um pouco juntos sobre a antiga casa, como ela era e como funcionava. Aristóteles, novamente na sua *Ética a Nicómaco*, fala sobre o agregado familiar e o seu pessoal, por assim dizer, e os papéis que desempenham e como funciona.

Ele fala de uma família composta, no mínimo, por marido e mulher, pai e filhos, senhor e escravos. O que é digno de nota em sua descrição é que um membro de cada par é na verdade a mesma pessoa. O pai, o marido, o patrão, é tudo a mesma pessoa que é, portanto, uma espécie de eixo central da casa.

Existem, é claro, muitas extensões possíveis desta família básica. Era muito comum que irmãos solteiros e parentes femininos fizessem parte de um agregado familiar e vivessem juntos com este agregado familiar anteriormente descrito como parte dessa unidade. Frequentemente, incorporava quaisquer pais sobreviventes, seja do marido ou da esposa.

E às vezes até incorporava irmãos casados e seus filhos numa unidade maior. Quando se trata de casamento, os judeus tenderiam a casar, tenderiam a casar, dentro da etnia, dentro do povo judeu, muitas vezes dentro da tribo ou do clã. Novamente, voltando ao livro apócrifo de Tobias, que provavelmente reflete mais a ética do século III a.C. do que a ética do século I d.C., Tobit considera casar-se com um estrangeiro como uma espécie de fornicção.

Era tão bom quanto viver em pecado para um judeu casar-se fora da etnia judaica, mesmo fora da tribo. Os casamentos geralmente eram arranjados porque uniam as famílias. E foram entendidas, realmente, como alianças entre famílias, e não como um ato determinado por dois pombinhos a partir de motivações individuais.

E as mulheres tendiam sempre a estar inseridas, conceitualmente, na casa de algum homem. A casa de seu pai, antes do casamento. A casa do marido depois do casamento.

E caso aconteça um divórcio, de volta à casa de seu pai. O divórcio foi tratado de forma diferente entre diferentes grupos de pessoas nesta época. Entre os judeus, apenas os maridos, tecnicamente, podiam iniciar.

Assim, na Judéia, em áreas onde estávamos muito conscientes de viver de acordo com a lei de Moisés, na medida em que os opressores estrangeiros permitissem, as esposas teriam muita dificuldade em iniciar o divórcio. Isto provavelmente foi mais fácil nas comunidades judaicas da diáspora. Quanto mais a comunidade judaica for uma minoria, mais poderá ser apelado ao sistema jurídico da cultura dominante.

Entre romanos e gregos, porém, tanto o marido como a esposa podiam iniciar o divórcio. E geralmente significava que a esposa retornava para a casa do parente sobrevivente mais próximo. Então, o pai, se ele ainda estivesse vivo, ou um irmão, se o pai já tivesse falecido.

Ela voltava com o dote, que fazia parte da herança do pai da noiva, e a noiva o levava para onde quer que fosse. Portanto, só passaria a fazer parte do novo patrimônio se o casamento durasse até a morte separar o casal. Algo que é muito diferente na família antiga e, certamente, pelo menos, na família americana moderna é que as famílias eram unidades de produção e não apenas unidades de consumo.

Minha casa, quero dizer, honestamente, você sabe, nós cinco, não produzimos muita coisa juntos, exceto reciclagem e lixo. Mas consumimos juntos.

Mas no mundo antigo, uma família como a nossa também seria uma unidade básica de produção. Você poderia considerar isso no nível patrício mais exaltado, onde um senador e sua família poderiam residir em Roma e nunca ver uma propriedade rural. Mas parte da propriedade, parte da família, devo dizer, não era apenas o marido e a mulher, o pai e os filhos, mas o senhor e os escravos.

E aquele senador patrício poderia ter centenas e centenas de escravos trabalhando em muitas propriedades no interior, longe de Roma. E assim mesmo a família patrícia era uma família de produção com empreendimentos agrícolas massivos provenientes dessa unidade familiar alargada, vastamente alargada. Agora, vá para um ambiente muito mais humilde, uma casa de artesãos.

Por exemplo, mesmo a família que presumimos ter sido a família de origem de Jesus era muito provável. Um artesão, Joseph, foi acompanhado e acompanhado nesse ofício por um ou mais de seus filhos, que trabalhariam juntos para aumentar a renda e manter a família trabalhando juntos. Ao lado deles, as mulheres da casa, daí Maria e as meias-irmãs anônimas de Jesus, também contribuiriam de alguma forma, seja ajudando a administrar o trabalho dos homens.

Na verdade, às vezes é surpreendente descobrir quantas mulheres realmente mantinham os livros dessas famílias de produção e coisas assim. Ou participando no que é conhecido como trabalho feminino no mundo antigo. Assim, eles podem se envolver em um ofício próprio, paralelamente ao que os homens fazem para serem uma unidade produtora e também uma unidade consumidora.

Poderíamos também pensar, por exemplo, na família de Simão, que passou a ser conhecido como Pedro, e no seu irmão André. Toda a sua família provavelmente estava envolvida de alguma forma no negócio da pesca, assim como certamente estava a família de Zebedeu, cujos dois filhos estavam no barco com ele. E nestes cenários, é mais uma vez provável que as mulheres em casa tenham participado de alguma forma no negócio familiar de pesca.

Estive recentemente em Magdala, por exemplo, onde foi descoberta uma espécie de zona industrial doméstica. E era uma cidade de pescadores, assim como provavelmente era Cafarnaum. Dentro das estruturas domésticas havia uma sala dedicada à secagem, salga e conservação do peixe.

Assim, muito provavelmente, as mulheres da casa de Zebedeu também estavam empenhadas em ajudar na produção do negócio familiar. Agora, o marido-barra-pai-barra-mestre é o responsável final pela administração da casa. A ciência do mundo antigo que nos dá a palavra economia.

Chama-se oikonomia , o governo ou a gestão do oikos, a família. Os especialistas em ética falam da autoridade deste homem em termos de dever, diligência e cuidado beneficente. É claro que, na prática, estes chefes de família usavam a sua autoridade de uma forma que reflectia a sua própria virtude ou a falta dela.

E, claro, é uma sociedade estritamente hierárquica e patriarcal. Mais uma vez, se recorrermos a Aristóteles para ler o que ele tem a dizer sobre a família na sua *Ética a Nicómaco*, ele fala do homem como o governante natural dentro da família e da mulher como o sujeito natural. Ou seja, pela própria forma como o homem e a mulher são constituídos desde o nascimento, com os seus dons e limitações naturais, diz ele, acrescento rapidamente, ele diz que é próprio que o homem seja dominante e a mulher seja liderada .

Ele compara o governo do pai sobre os filhos e sobre os escravos ao de um monarca absoluto sobre seus súditos. Aristóteles compara o governo do marido sobre a esposa ao governo constitucional entre cidadãos que são iguais em valor, mas não em poder. Assim, ele observa alguma distinção aí, mas mesmo assim estabelece claramente a autoridade do marido-mestre-pai sobre todos os outros membros da família.

Os autores judeus são na verdade mais radicais e mais abrangentes em suas afirmações. Por exemplo, Josefo, quando escreve brevemente sobre administração doméstica, escreve que a mulher, diz a lei, é em todas as coisas inferior ao homem. Que ela seja submissa, não para sua humilhação, mas para que possa ser dirigida.

Pois a autoridade foi dada por Deus ao homem. Agora, todos os especialistas em ética gregos, romanos e judeus concordam que o marido não deve usar o seu poder para prejudicar a esposa. Além disso, Aristóteles nada diz sobre a inferioridade das mulheres.

Mas Josefo sim. Portanto, há alguma variação entre essas fontes antigas no que diz respeito precisamente à forma como a posição da mulher é concebida. Já ouvi muitas vezes dizer que, no mundo antigo, as mulheres eram consideradas propriedade, bens móveis.

Mas, para ser honesto, ainda não encontrei um autor greco-romano ou judeu que realmente usasse essa palavra para falar sobre as mulheres nas suas famílias. Eles não têm vergonha de falar dos escravos como propriedade. Mas na verdade não os vejo aplicando a mesma linguagem às mulheres.

Talvez seja um tipo de estereótipo que impomos ao mundo antigo e que precisa de ser reexaminado. As esposas eram vistas como parceiras essenciais na gestão do agregado familiar, mas é certo que sempre como parceiras juniores em virtude do seu gênero, sem qualquer consideração dos seus dons e capacidades. Ora, havia um ideal bastante bem articulado para a mulher, a esposa, no mundo antigo, e neste aspecto há muita unanimidade entre autores gregos, latinos e judeus.

Uma das características deste ideal é a submissão, como já discutimos na citação de Josefo. Plutarco apresenta isso com um pouco mais de habilidade usando a analogia da música. Em seu Conselho sobre o Casamento, ele escreve que quando duas notas são tocadas juntas, a melodia pertence à nota mais grave.

Da mesma forma, toda ação realizada em uma boa família é realizada com o acordo dos parceiros, mas demonstra a liderança e a decisão do marido. Poderíamos notar, aliás, quão diferente era a música no mundo antigo. Na minha experiência, estou acostumado com os sopranos tendo a melodia e todas as outras partes de voz abaixo deles tendo harmonia, mas aparentemente, a música grega e romana funcionava de maneira oposta, com a melodia sendo dada ao instrumento mais grave ou, ao mais baixo voz cantada e a harmonia ou o descanto para a voz cantada mais alta.

Então, Plutarco usa essa imagem para matizar a imagem de como maridos e esposas se relacionam bem. Ele tenta suavizá-lo; tudo deveria acontecer por acordo, mas é o homem quem lidera o acordo. Outra faceta deste antigo ideal da esposa ou da mulher é o silêncio e a reticência em falar.

Aristóteles aprovou o poeta que escreveu que o silêncio é a glória da mulher, e dois ou três séculos depois, num ambiente muito diferente, no século II aC, em Jerusalém, Ben Sirah escreve que uma esposa silenciosa é um presente do Senhor, e nada é tão tão precioso quanto sua autodisciplina. Obviamente, o silêncio, a restrição da auto-expressão, acompanha a submissão e a espera que o marido assuma a liderança.

Um terceiro aspecto deste ideal é a reclusão, a mulher mantendo-se nos espaços privados do agregado familiar, ou se em público, nos espaços públicos apropriados às mulheres, como o mercado ou, em algumas sociedades desérticas, o poço. Philo, um autor judeu que escreveu em Alexandria, Egito, na primeira parte do século I DC, escreve que as mulheres são mais adequadas para a vida interior, que nunca se afasta da casa, dentro da qual a porta do meio, uma porta interna, a porta do meio a porta é tomada pelas donzelas como seu limite, e a porta externa por aquelas que atingem a feminilidade plena. Plutarco, um escritor grego não-judeu que escreveu por volta de 100 DC, escreve que uma boa mulher deveria ser mais vista quando está com o marido e ficar em casa ou escondida quando ele estiver fora.

Então, novamente, os homens invadiram os espaços públicos, por assim dizer, mas a ideia para as mulheres era bem diferente. E então, um aspecto final e indispensável deste ideal é a pureza sexual. Um especialista em ética neopitagórico anônimo escreveu que a maior virtude de uma mulher é a castidade, com o que ele quer dizer exclusividade sexual, castidade antes do casamento e envolvimento sexual com um homem ao longo de sua vida.

E isso é confirmado em textos gregos, latinos e judaicos. Havíamos falado numa palestra anterior sobre o Quarto Macabeus, um livro em que, entre outras coisas, uma mulher é elogiada pela sua masculinidade, pela sua coragem, por ter uma bravura que envergonharia a coragem demonstrada pelos homens no campo de batalha. Mas mesmo depois de tudo isso, a autora deve voltar a enfatizar sua virtude feminina.

E assim, no último capítulo, lemos ela dizendo, eu era uma virgem pura e não saía da casa de meu pai. Existe aquela reclusão que facilita a castidade. Mas eu guardei a costela de que foi feita a mulher.

Nenhum sedutor me corrompeu numa planície desértica, nem o destruidor, a serpente enganadora, contaminou a pureza da minha virgindade. Na época da minha maturidade, fiquei com meu marido. Então, aquela ideia de exclusividade sexual para e com um único homem ao longo da vida.

Da reflexão sobre o casamento e, em particular, sobre o ideal da esposa no mundo antigo, voltamos aos filhos e à sua realidade. Os filhos da família antiga estavam sob

a autoridade absoluta dos pais, mais particularmente, do pai. E foram ensinados a compreender seu dever para com os pais.

As crianças, diria Aristóteles, por exemplo, nunca poderão pagar a dívida que têm com os pais pela dádiva da própria vida, para não falar da criação e da educação. E assim, os filhos devem continuar a honrar os seus pais e demonstrar gratidão em todas as suas formas ao longo da vida dos seus pais. Era uma marca especial de piedade filial, de cumprimento do dever de filho ou filha de cuidar dos pais idosos.

As crianças eram consideradas semelhantes aos pais em todos os aspectos essenciais. Já havíamos visto como uma ascendência honrada reflete positivamente nas crianças. Uma forma frequente de desafiar a honra de uma pessoa no mundo antigo é falar sobre sua ascendência.

Talvez isso não tenha mudado muito, mas considere o Evangelho de João, por exemplo, onde os críticos de Jesus afirmam ser filhos de Abraão. E Jesus responde: você é descendente de Satanás. Você é a cria de Satanás.

Atacar a ascendência como forma de atacar a honra. A educação variou muito no mundo antigo. Começou no lar para todas as pessoas, mas muitas vezes ficou confinado ao lar das famílias de menores recursos.

Teria incluído a aprendizagem do comércio familiar e a alfabetização suficiente para fazer negócios, se isso fosse relevante, mas também os valores e a moral do grupo mais amplo ao qual aquela família pertencia. A instrução religiosa era assunto do lar. Primeiro, poderíamos considerar aqui Deuteronômio 6:6-9, como um exemplo estelar.

Esse texto central dentro do Judaísmo é a coisa mais próxima de um credo que o Judaísmo possui. Aqui, Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é um, ou o Senhor é o nosso Deus sozinho. Mas logo a seguir, ou quase a próxima coisa que diz, você ensinará os mandamentos de seu Senhor a seus filhos.

E a instrução religiosa é imposta aos pais para serem transmitidas à próxima geração. Se voltássemos novamente para 4 Macabeus 18, nos versículos 10 a 19, veríamos uma imagem maravilhosa da prescrição de Deuteronômio 6 sendo vivida quando uma mãe se lembra de como o pai desta família incutiu de forma consistente e paciente os valores e histórias e esperança contidas nas escrituras de Israel em seus sete filhos, tornando-os assim o tipo de pessoas que provaram ser naquele dia fatídico em que escolheram morrer por uma questão de piedade. Para os filhos do sexo masculino de famílias modestamente ricas ou ainda mais ricas, a educação poderia ser mais extensa.

Muitas dessas famílias, e agora estamos, claro, a falar do escalão superior, talvez os 2 a 5% superiores das famílias, podiam dar-se ao luxo de possuir vários escravos. Se tivessem filhos, um desses escravos poderia funcionar como pedagogo, que seria um escravo cujo principal dever era ensinar boas maneiras às crianças e garantir que as crianças soubessem como permanecer na linha quando as crianças começassem a aprender coisas, para ter certeza de que as crianças fizeram a lição de casa e voltaram para o professor no dia seguinte totalmente preparadas.

Hmm, pedagogos me parecem uma ótima ideia. Mas então o pedagogo não era realmente o professor. Nossa palavra pedagogia é derivada disso, mas isso é realmente uma espécie de conexão falsa.

Os verdadeiros professores estariam fora de casa, e o pedagogo era o disciplinador que garantia que as lições fossem aprendidas e que os trabalhos de casa fossem feitos, entre outras coisas. Para os cidadãos de uma cidade ou colônia grega ou romana, havia na verdade, em quase todas as cidades, um forte sistema de educação pública para aquele círculo muito limitado de pessoas, os cidadãos daquela cidade. Muitas cidades antigas ainda têm ruínas de um ginásio, um ginásio, que, claro, era um local para aprender atletismo, praticar esportes e ficar em boa forma física, mas tudo isso fazia parte de um programa educacional muito mais amplo.

O ginásio era também um local onde os cidadãos aprendiam gramática, retórica, lógica, filosofia, literatura, geometria, música e todo o currículo do mundo antigo. Havia também escolas de um tipo diferente em vários contextos. Por exemplo, sabemos que no contexto judaico, havia escolas que poderiam incorporar algumas destas outras áreas de aprendizagem, mas que se concentravam principalmente no ensino da Torá, no ensino da tradição de sabedoria de Israel e, talvez, na melhor das hipóteses, na tecelagem da tradição de sabedoria de Israel e a instrução religiosa da Torá com outros tipos de educação não-indígena.

Chegamos à última camada do agregado familiar, a camada mais inferior de um agregado familiar. Não há outra maneira de colocar isso, ou seja, escravidão. A escravidão era incrivelmente comum no mundo antigo. Em todo o Mediterrâneo, estima-se que uma em cada cinco pessoas era escrava.

Em alguns ambientes urbanos, esse número poderia até ser aumentado para um em cada quatro ou, segundo algumas estimativas, até um em cada três. A escravidão era frequentemente o resultado de uma conquista militar ou da supressão de uma revolta. Assim, por exemplo, à medida que Roma expandia as suas fronteiras, as pessoas que conquistava pela força muitas vezes acabavam vendidas como escravas dentro do império.

Assim, à medida que Roma se expandia, a disponibilidade de escravos para todo o império também aumentava. Ao longo de Tácito e Josefo, você pode ler como

aqueles envolvidos no comércio de escravos viajavam e seguiam o exército porque sabiam para onde o exército ia, os escravos seriam feitos e queriam estar lá para lucrar no terreno, essencialmente, e comprar os escravos diretamente do exército, e depois vendê-los de volta, mais perto do coração do império, para obter lucro. A escravidão também poderia ser o resultado da imposição de uma pena por um ato criminoso.

Era uma punição comum para uma ampla variedade de crimes. Se você nasceu de escravos, você era escravo. Portanto, a simples procriação entre escravos era outra fonte para isso.

E o incumprimento de uma dívida, especialmente no Egito, resultava muitas vezes na escravização do incumpridor, que seria vendido para saldar parte ou a totalidade da dívida. E então, é claro, ele ou ela pertencia a outra pessoa. A economia antiga existia por causa da escravidão e foi construída inteiramente sobre a escravidão.

Assim, ao pensarmos na riqueza da Grécia antiga, do mundo helenístico, na riqueza de Roma, e naqueles que lucraram com Roma, precisamos de lembrar que todos eles estão a lucrar porque, pelo menos indirectamente, em muitos casos directamente, por causa da instituição da escravidão em todo o Império Romano e remontando a Aristóteles, que foi um grande informante para quase tudo no mundo antigo porque escreveu sobre quase tudo. Aristóteles fala do escravo como uma ferramenta viva.

É uma definição notória, mas essencialmente capta-a. Captura exatamente o que um escravo é para Aristóteles. O escravo é diferente do martelo porque o escravo está vivo e o martelo não.

Mas em termos de direitos e em termos do grau em que um senhor tem autoridade sobre a propriedade do senhor, o escravo e o martelo não diferem muito. Aristóteles raciocina que alguns são escravos por natureza, outros por acaso da fortuna. Isto é, talvez alguns países pareçam apenas criar escravos, na sua opinião.

Mas ele também conhece pessoas, escravos, que não são servis. Eles foram reduzidos à escravidão por causa de algum infortúnio. Por exemplo, conquista militar.

Na época de Aristóteles, a conquista da cidade-estado sobre a cidade-estado ou o avanço do Império Persa sobre a maior parte do mundo a leste de onde Aristóteles vivia. O escravo estava sob o poder total do proprietário. Mas os especialistas em ética tentaram inculcar um exercício cuidadoso dessa autoridade por parte dos proprietários de escravos.

Por exemplo, Aristóteles escreve que o abuso desta autoridade é prejudicial para ambas as partes. Pois os interesses da parte e do todo, do corpo e da alma são os

mesmos. E o escravo é uma parte do senhor, uma parte viva, mas separada, de sua estrutura corporal.

Apesar de toda a ética, o tratamento dispensado aos escravos poderia ser brutal. E quando isso aconteceu, não houve recurso legal. Alguns especialistas em ética tentaram neutralizar o desequilíbrio de poder entre senhores e escravos, promovendo relações de reciprocidade entre senhores e escravos.

Assim, o tipo de relacionamento de que falamos sob patrocínio, amizade ou reciprocidade seria introduzido na relação senhor-escravo, à medida que estes escritores tentavam cultivar um desejo por parte de ambas as partes de trocar gentilezas no âmbito desta relação desigual. E acho que vemos algo disso na história de Lucas 7, onde um centurião é solícito com o bem-estar de seu escravo, mas tão solícito que ele vai a extremos significativos e até mesmo, até certo ponto, deixa de lado sua própria honra para alcançar, para alcançar para o seu escravo o que esse escravo precisa, nomeadamente cura. Nada poderia mudar o fato, entretanto, de que todos os aspectos da vida de um escravo, até mesmo sua procriação, estavam sob o poder e a autoridade de um senhor e estavam, portanto, completamente à mercê da virtude ou da falta de virtude deste mestre.

Os escravos podiam ser encarregados de uma ampla variedade de tarefas e viver suas vidas em uma ampla variedade de locais. No pior extremo do espectro estavam os escravos acorrentados aos barcos, remando em navios de guerra ou navios mercantes, ou trabalhando nas minas, o que muitas vezes se esperava que resultasse em morte depois de apenas alguns anos. Mas havia também, no extremo mais distante desse espectro, escravos dentro da casa do imperador imperial.

Alguns dos escravos da casa do imperador exerciam mais poder do que os governadores nas províncias e foram capazes de acumular mais riqueza para si próprios do que os governadores das províncias, tornando-se eventualmente pessoas libertadas e agentes notáveis por direito próprio. Em Éfeso, há um grande portão para a grande ágora, o fórum do mercado, local dos artesãos da cidade. E esse portão, o portão sul, foi erguido por dois libertos da própria casa de Augusto.

E isso é um testemunho de duas coisas. Primeiro, há um testemunho de gratidão ao patrono, pois estes libertos consideravam Augusto como seu patrono porque ele lhes havia concedido a liberdade. Mas também um testemunho de quão ricos e poderosos alguns escravos poderiam tornar-se se tivessem a sorte de serem escravos imperiais em vez de acabarem noutro bairro.

Bem, já falamos muito sobre parentesco dentro de famílias naturais, mas o parentesco também significava mais do que relações de sangue, mesmo para as pessoas do mundo antigo. Fílon, nosso judeu de Alexandria do início do século I, escreve que o parentesco não é medido apenas pelo sangue, mas pela semelhança

de conduta e pela busca dos mesmos objetivos. Philo aponta também que a falta de partilha de ideais, como a apostasia por parte de um membro da família do modo de vida judaico, leva à dissolução dos laços de parentesco.

Philo coloca o compromisso com Deus e com o modo de vida judaico à frente do parentesco natural quando ele exorta seus leitores a se certificarem de que os gentios se convertam, pessoas que não poderiam estar relacionadas de qualquer forma genealógica com o povo judeu, quando ele exorta seus leitores a certifique-se de que os gentios convertidos que deixaram para trás, digamos, seu país, seus parentes e seus amigos por causa da virtude e da religião, sejam bem-vindos em uma nova família, a comunidade judaica. De forma bastante semelhante, Jesus reconhece que segui-lo ameaça as conexões naturais de parentesco, e por isso fala de seus seguidores formando uma nova família juntos. Poderíamos chamar a isto um grupo de parentesco fictício, não relacionado por sangue e genealogia, por si só, mas partilhando tão intimamente outros compromissos que ser gentil, ser de um tipo semelhante é mais importante do que ser parente num sentido natural.

Então, Jesus diz, quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim. Quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim. Então, nesse sentido, Jesus espera o potencial rompimento dos laços naturais de parentesco em prol do discipulado.

E por outro lado, todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e herdará a vida eterna. Aqueles que se reúnem no círculo de Jesus tornam-se uns para os outros irmãos e irmãs, mães e filhos, e os lares dos irmãos crentes e os campos dos irmãos crentes tornam-se os próprios lares e campos nesta vida, como que compensando a perda de quaisquer relações de parentesco naturais. Bem, queremos olhar para o Novo Testamento, e na próxima palestra vamos olhar para 1 Pedro, em particular, para pensar sobre como esse pano de fundo nos ajuda a ver o que está acontecendo na igreja primitiva à medida que ela está sendo formada. um grupo de parentesco fictício.

Como é concebida esta nova família? Como o ethos do parentesco molda o ethos dos relacionamentos na igreja primitiva? E qual é o impacto? Olhando de outro ponto de vista, qual é o impacto da proclamação cristã primitiva nas famílias naturais e nas relações de parentesco naturais? Veremos que assim como 1 Pedro, do começo ao fim, refletiu os valores da honra e da vergonha, também reflete muito, muito claramente o valor do parentesco, o ethos do parentesco, usando a família como uma metáfora primária para pensar sobre o igreja e suas relações internas.

Este é o Dr. David deSilva em seu ensinamento sobre O Mundo Cultural do Novo Testamento. Esta é a sessão 5, Família e Agregado Familiar.